

**Revisitando a “*École des Annales*”:
Lucien Febvre, Marc Bloch e o pensamento histórico alemão**

Sabrina Magalhães Rocha*

Resumo: O presente trabalho investiga o relacionamento dos historiadores Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) com a Alemanha, com a temática germânica de maneira geral. Essa relação é analisada no campo da história da historiografia, a partir de três obras: *Martin Lutero: um destino* (1928) e *O Reno: história, mitos e realidades* (1931) de Lucien Febvre e *A estranha derrota* (1946) de Marc Bloch. Com essa análise espera-se compreender um dos pontos fundamentais que permeiam a relações desses historiadores franceses com o pensamento histórico alemão na primeira metade do séc. XX.

Palavras-Chave: Lucien Febvre, Marc Bloch, Alemanha.

Abstract: This work investigates the relationship of historians Marc Bloch (1886-1944) and Lucien Febvre (1878-1956) with Germany, with the German theme in general. This relationship is examined in the field of the history of historiography, from three works: *Martin Luther: a destination* (1928) and *The Rhine: history, myths and realities* (1931) of Lucien Febvre and *The strange defeat* (1946) of Marc Bloch. With this analysis we'll hope to understand one of the key points that constitute the relations of these French historians with the German historical thought in the first half of the century XX.

Key Words: Lucien Febvre, Marc Bloch, Germany.

Os estudos historiográficos dedicados à “*École des Annales*” (“Escola dos *Annales*”) passaram por muitas variações temáticas e metodológicas na segunda metade do séc. XX. A partir dos anos 1980 verifica-se uma concentração de trabalhos no campo da história da historiografia. Trabalhos que investigam, por exemplo, as redes intelectuais envolvidas nesse grupo, seus processos de institucionalização, suas relações com outras comunidades historiográficas. Nesse campo, uma problemática que emerge é a investigação do relacionamento dos fundadores dessa “escola”, Marc Bloch e Lucien Febvre, com outras historiografias que não a francesa. Nossa proposta é, nesse sentido, refletir sobre o envolvimento desses autores com aquela que, desde o séc. XIX, se revelava como uma das mais importantes comunidades historiográficas, a historiografia alemã.

A compreensão da relação de Marc Bloch e Lucien Febvre com as ciências históricas alemãs demanda a investigação dos diversos contextos que a envolvem, como questões de ordem pessoal, conjunturas políticas, econômicas, acadêmicas e tradições culturais.

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista REUNI/CAPES. Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

(BURGUIÈRE, 1999; ESPAGNE; WENER, 1987; SCHÖTTLER, 1999) A análise do envolvimento desses autores com a Alemanha, com a temática germânica de maneira geral, é, certamente, um dos pontos centrais desse contexto, fundamental para a compreensão de seu envolvimento com o pensamento histórico germânico de maneira particular.

Trata-se de um envolvimento que pode ser apreendido por perspectivas distintas, analisando-se, por exemplo, suas vidas pessoais, suas trajetórias acadêmicas ou suas produções textuais, como artigos, resenhas, relatos pessoais e obras historiográficas. A composição que se fará aqui conjugará esses dois últimos tipos, a fim de compor um painel, uma amostra da presença desse tema no conjunto da obra dos dois autores. As análises que seguem tratam dos textos *Martin Lutero: un destino* (Martinho Lutero: um destino) e *O Reno: história, mitos e realidades* de Lucien Febvre e *L'étrange défaite* (A estranha derrota) de Marc Bloch.

Martin Lutero: un destino, compõe o quadro de obras de Lucien Febvre dedicadas à história moderna, particularmente ao séc. XVI. Publicação de 1928, Febvre se propôs a fazer nela um relato biográfico crítico, em seus próprios termos, um “juízo” sobre o principal personagem da Reforma Protestante deflagrada na Alemanha do séc. XVI, Martinho Lutero. O objetivo central da obra seria tratar da relação entre o indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social. A justificativa para essa investigação estaria na relevância histórica da questão, tendo em vista a presença do luteranismo na Alemanha e, novamente nos termos de Febvre, sua adesão à “mentalidade” dos povos germânicos. *Martin Lutero* guarda ainda relevância para o problema que se quer discutir aqui pelo posicionamento de Febvre ante seu próprio texto. Apesar de se tratar de uma “obra de juventude”, Lucien Febvre segue até os últimos momentos de sua carreira, na década de 1950, afirmando sua convicção nela. (FEBVRE, 1998, p. 9-16)

Buscando produzir uma obra sobre Lutero de caráter distinto dos muitos trabalhos existentes tanto na esfera teológica quanto política e histórica, Lucien Febvre, no entanto, ou exatamente por isso, não se esquivou à revisão bibliográfica. Nesse campo, revela o conhecimento de importantes intelectuais alemães tanto do séc. XIX como seus contemporâneos. Aparecem em suas notas bibliográficas nomes como Leopold von Ranke, Max Lenz, Adolf von Harnack, Georg von Below e Ernst Troeltsch. Sobre esse último, Febvre refere-se como um “homem de grande talento”. Além desses autores, Febvre cita Goethe e por mais de um momento recorre à explicação nietzschiana de Lutero e do luteranismo, corroborando a interpretação oferecida por Nietzsche de tratar-se não apenas de

processos de ordem doutrinal, mas também moral e psicológica. (FEBVRE, 1998, p. 40, 73-75, 277-278) Febvre sustenta todo seu texto na argumentação de que os protestos desencadeados por Martinho Lutero não têm origem teológica ou social, e sim psicológica.

Essa obra nos interessa particularmente por ser mais que simples relato biográfico, trata-se de uma “análise psicológica” de Lutero e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de compreensão da “psicologia coletiva” do povo alemão. O retrato de Febvre sobre a Alemanha do séc. XVI é o de um território de contrastes, em que riqueza econômica se contrapunha a debilidades morais e políticas. Nesse contexto, vozes confusas e dissonantes reclamavam mudanças, mas Lutero não seria uma delas. Como se disse, o argumento de Febvre é que as motivações do reformador são pessoais. As teses de Lutero não eram fruto de uma análise crítica do contexto alemão, elas eram movidas por fervor religioso, pelo desejo de proclamar suas “descobertas” advindas do contato íntimo com Deus. Para Febvre, Lutero era um profeta e não um lógico, exatamente por isso, não fazendo cálculos ou ponderações, teve algum êxito na tarefa de oferecer um centro a uma Alemanha caótica. Para Febvre, à anarquia na organização política dos principados alemães correspondia uma anarquia de concepções morais. (FEBVRE, 1998, p. 95-115)

Embora os impulsos que movem Lutero na argumentação febvriana sejam de ordem psicológica e não social ou cultural, ela não elimina a construção de relações entre a análise da psicologia do indivíduo e da nação germânica. O Lutero de Lucien Febvre é, por todos os aspectos, um alemão, um homem plenamente inserido em sua “raça” e em seu país, nas formas de pensar, sentir e agir. Lutero sentia à maneira alemã, com coração doce e sensível. (FEBVRE, 1998, p. 11, 132) Pensar como um alemão, por sua vez, consistia em ser marcado por fundo idealismo e introspecção. Febvre assim define o espírito de Lutero com um espírito alemão,

[...] Lutero no seria el “hombre alemán” que es si no encontrara, anclado en el fondo de si mismo, un gusto un poco enfermizo por desvelar taras escondidas, la necesidad medio sensual, medio triste, de exhibirlas desnudas al sol –y, para decirlo de una vez, una preocupación obsesiva de ir a buscar, en el fondo de un amontonamiento de impurezas mostradas y removidas sin pudor, una virginidad nueva y el sentimiento liberador de una total justificación. (FEBVRE, 1998, p. 184)

No que se refere à apreensão de Febvre sobre Lutero, parece-nos que se pode tratar de uma relação empática. Por diversos momentos Febvre se revela envolvido, seduzido pela personalidade de Lutero, pelo poder encatatório de seu idealismo sobre os povos. Mas certamente não se verifica a mesma empatia com a filosofia e a história das sociedades luteranas em geral, descritas como “mediócras”, marcadas por um “moralismo farisaico”,

atadas a coisas pequenas e passivas ante as grandes. Sua relação com a Reforma é, então, a de um historiador diante do que considera um dos aspectos mais importantes da “história do germanismo” e mesmo de ruptura para a sociedade moderna como um todo. (FEBVRE, 1998, p. 226, 233) No entanto, e apesar de todo rigor da exposição, escapam do texto de Febvre julgamentos como esse, mais morais que propriamente historiográficos.

Febvre irá retomar a temática germânica, por outra via, em 1931 com a obra *O Reno: história, mitos e realidades*, produzida em co-autoria com o geógrafo Albert Demangeon. Trata-se, portanto, de uma obra dedicada a um rio, a uma região muito expressiva no cenário de relações franco-germânicas e européias de maneira geral. O Reno tem importante papel histórico, político e geográfico no contexto dessas relações. Por essa relevância, a região esteve cercada de relatos mistificadores e ideológicos, desenvolvidos nas duas margens do rio. O objetivo de Febvre era se desprender desses relatos, compor uma história do Reno sem vinculações nacionais apriorísticas, radicalmente diversa. *O Reno* é, na verdade, uma obra de encomenda, solicitada pela Associação Bancária Alsaciana, e à qual Febvre se dedicou desde 1929 pelo interesse no tema e pela compensação financeira. Diferentemente da obra sobre Lutero, que segue sendo publicada com a anuência do autor sem correções duas décadas após a publicação original, *O Reno* sofrerá modificações logo após sua primeira publicação. De tal forma, que a obra adquire duas versões, a primeira de tom mais político, e outra, de 1935, consistindo em um relato mais “científico”, apesar de manter o tom ensaístico. (SCHÖTTLER, 1994, p. 73-75; 2000, p. 9-13)

Como se mostrou, tem-se no séc. XIX uma tradição cultural de hostilidades franco-germânicas que remonta ao séc. XVIII. Nesse cenário, floresce o mito do Reno como uma fronteira entre duas civilizações, e que teria se estabelecido desde a Antiguidade. Conformou-se assim, em território francês, a convicção do rio como uma fronteira natural do país, separando-o da “barbárie germânica”. Por sua vez, em territórios germânicos o Reno será compreendido com um rio alemão. O texto de Febvre se afasta desse tipo de relato, primeiramente, por retirar de sua argumentação essa tendência naturalizante. Febvre insiste que a história do Reno não pode ser contada como uma história natural, mas como história humana. A idéia defendida na obra é de que o rio é uma criação humana. (FEBVRE, 2000, p. 71-85; SCHÖTTLER, 1997, p. 64-65; 2000, p. 26) Contra a idéia do Reno como uma fronteira entre civilizações, supostamente fundada nas conquistas romanas, Febvre mobiliza outra tradição histórica de apreensão do Reno como um traço de união. Para esse autor a tese da fronteira predestinada não resiste nem ao estudo do passado nem ao estudo do presente. (FEBVRE, 2000, p. 237)

Febvre argumenta que é na história moderna do Reno que se apresenta essa dimensão de um Reno-fronteira, de conflito entre duas civilizações. Ela vai, progressivamente, se transformando de uma história das cidades, de muitas nações, para tornar-se a história de um rio em jogo entre duas nações. Critica-se também as tentativas de ancorar essa “barreira” na idéia de raça, uma explicação que não poderia fundamentar nenhuma divisão simplesmente por não existir na realidade, por não ser nada mais que um nome. A história do Reno moderno fica então atravessada por lutas políticas, por conflitos de duas culturas. Em seu relato esses enfrentamentos começam já com a Reforma no séc. XVI, e atravessam os séculos XVII, XVIII e XIX. Febvre está, então, a admitir aqui a “guerra de culturas” que atravessa as relações franco-germânicas, em seus termos, “uma história de sangue e pensamentos” de duas nações que se enfrentaram para distinguir-se uma da outra. (FEBVRE, 2000, p. 86-93, 189-205)

O ensaio de Febvre reivindica, assim, uma abordagem cosmopolita tanto para a história pregressa do Reno quanto para suas futuras apropriações. Para Febvre a verdadeira tradição do Reno, a verdadeira história que remonta à antiguidade não é a de um rio francês, tampouco alemão, mas livre e internacional. A conclusão que pretende retirar de seu estudo é de que a questão do Reno não pode ser pensada no terreno político das mentalidades nacionais. A imagem que deixa para a história européia em geral, e particularmente das relações franco-germânicas, é que “o Reno permanece sendo o Rio que reúne, apesar dos ódios políticos e dos conflitos. Hoje mesmo, na verdade, qual o Estado que poderia reivindicá-lo para si?”. (FEBVRE, 2000, p. 231, 237)

Embora seja, portanto, mais o cosmopolitismo e menos o nacionalismo a marca dessa “nova história renana”, o sentimento nacional não é ausente aqui. Essa argumentação pode ser visualizada em vários aspectos. Pesquisando para a composição desse livro, Febvre relata em carta a Henri Pirenne e Henri Berr, escrita em 1929 para retratar sua viagem pelo Reno, ter visto o crescimento do orgulho germânico, caracterizando-o como um orgulho perigoso. (SCHÖTTLER, 2000, p. 18-19) Nesse momento a Alemanha estava organizada sob a República de Weimar, seu primeiro governo republicano e democrático. A República foi marcada pelo crescimento do sentimento nacionalista na opinião pública e nas esferas intelectuais, e pela tendência de associação do novo regime com as potências ocidentais. A preocupação republicana e a recusa do nacionalismo exacerbado era uma característica comum a poucos nomes, como Thomas Mann, Ernst Troeltsch e Friedrich Meinecke. (KITCHEN, 2006; MOMMSEN, 2002, p. 32-33) Nesse contexto, as regiões renanas, antes anexadas aos territórios germânicos, estavam sob ocupação francesa, como consequência do

Tratado de Versalhes. Ela foi, nesse sentido, um dos palcos importantes do acirramento “orgulho nacional” alemão referido por Febvre.

O sentimento nacional de Lucien Febvre que aparece nessa correspondência pode ser observado também no próprio corpo do texto. Ao resgatar a tradição de liberdade do Reno, Febvre recorre à França como portadora dessa liberdade, contra a opressão alemã.

O Reno, rio alemão? Ou antes, rio da Europa central: traço-de-união colossal entre o mar do Norte e os mares asiáticos.

Sonhos – mas que se transformaram em realidade. E que tendo como suporte um Reno “fabricado”, dominado, rodeado pela Alemanha, desmoronaram no dia em que a França, reinstalando-se no Reno, livrou o velho rio de sua servidão, fazendo-o outra vez livre e internacional, e quebrou – de acordo com suas tradições – um monopólio de opressão e exploração. (FEBVRE, 2000, p. 231)

Não se trata apenas de “elogio de si”, mas também de crítica ao outro. Crítica que se verifica também em sua descrição da Prússia. Ela aparece como uma potência bárbara, naturalmente associada ao irracionalismo, ao protestantismo e à agressividade. (SCHÖTTLER, 2000, p. 18-19, 40) Outro trecho comparativo da cultura francesa com a cultura alemã na segunda metade do séc. XVIII evidencia claramente essa perspectiva.

Contra uma França que proclamava na face do mundo sua fé na Fraternidade fundada na Razão – que uma jovem, uma nova Alemanha, opondo ao Humano o Nacional e recusando com desesperada energia o torniquete de um espírito cujo hálito sutil e diluente ela sentia a seu redor e sobre ela; que uma Alemanha feroz em suas resoluções tenha se retraído até tocar o ódio no fundo de si mesma e se alegrar com isso -, pois o ódio, para ela, era a afirmação exasperada daquilo que ela buscava com paixão e finalmente reencontrava com delícia: o sentimento de um eu distinto, irreduzível e gozando assustadoramente com suas afirmações mais carregadas de ingratidão e de brutal selvageria – ficam livres para se mostrarem penalizados os doces sonhadores; a lógica da história aí está para nos dar a chave de uma tal revolução. (FEBVRE, 2000, p. 205)

Essa não é, portanto, uma obra isenta de qualquer sentimento patriótico. Mesmo que, como se disse, a versão de 1935, aqui utilizada, seja menos política e mais acadêmica. Nos termos de Peter Schöttler, se tem um livro sóbrio e racional, mas não desprovido de preconceitos. (SCHÖTTLER, 2000, p. 41) Parece-nos ocorrer também aqui o que verificamos no texto sobre Lutero. Por vezes, a preocupação do pesquisador, do historiador crítico diante de seu objeto e das ideologias que o rodeiam, cede espaço ao cidadão francês, patriota e envolvido com as discussões sobre seu país, convencido de que estava no “campo dos justos”.¹

¹ Lucien Febvre retomou o tema da nação em uma série de aulas ministradas no Collège de France entre 1945 e 1947. Motivado pelos acontecimentos da Segunda Guerra, Febvre se propôs a discutir os conceitos de honra

A temática germânica está presente também na obra de Marc Bloch, em mais de um texto.² A escolha de observá-la em *L'étrange défaite* (1946), uma obra que não é propriamente historiográfica, definida pelo próprio autor como um relato pessoal, está centrada na relevância do texto e na perspectiva crítica que ele comporta. A Alemanha aparece nessa obra por vias indiretas, pois seu foco é a França, as razões pelas quais a França fora derrotada pela Alemanha, de forma aterradora, nos conflitos de 1939 e 1940. Trata-se, nesse sentido, de um texto distinto no conjunto da obra de Marc Bloch. Um relato nos termos da história política e militar contemporânea produzido por um historiador que se dedicava à história medieval, particularmente à história agrária. Contudo, ele não é desconectado de suas reflexões, principalmente de suas reflexões teóricas. A análise psicológica do indivíduo e das massas é uma preocupação de Bloch desde sua obra *Os Reis Taumaturgos* (1924), e esse é exatamente o princípio empregado na composição de *L'étrange défaite*. (FINK, 1997, p. 244)

Bloch escreveu esse texto em 1940, logo após seu retorno da guerra, entre julho e setembro. Sua publicação, contudo, só se deu em 1946, após a morte de Bloch e a desocupação. O próprio Bloch não havia produzido um texto destinado à publicação imediata; chamou-lhe um trabalho “platônico, destinado a manter-se escondido nos seus arquivos até que a França voltasse a ser livre e os seus cidadãos pudessem examinar as razões para o colapso terrível”. (FINK, 1997, p. 241) Trata-se de uma análise das motivações, das “culpas” da derrota francesa que se estrutura em três eixos: o depoimento pessoal do autor, a avaliação dos setores militares e, por fim, a avaliação da política e da sociedade francesa.

Uma das características mais marcantes e interessantes de *L'étrange défaite* é, como diz o título de seu último capítulo, o fato de se tratar de um “exame de consciência”. Em um momento de conturbação política, em que a sociedade francesa via-se dilacerar pelas forças nazistas, Bloch não se centra nos horrores promovidos pelo inimigo, e sim constrói um relato crítico sobre seu próprio país. Não deixa de criticar os horrores implantados pelo regime nazista, mas também não cria rótulos degenerativos para a nação germânica como um todo. O “exame de consciência”, avalia o lado militar da derrota, mas seu objetivo é demonstrar como

e pátria, que compreendia como as duas fontes do sentimento nacional na França. O objetivo de suas preleções era refletir sobre a história desses conceitos, buscando compreender seus significados e seus poderes de mobilização. As notas dessas aulas foram organizadas por Brigitte Mazon e Thérèse Charmasson e publicadas em 1996, tendo ganhado edição brasileira em 1998: FEBVRE, Lucien. *Honra e pátria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

² Além das muitas resenhas de obras alemãs, Bloch publicou, por exemplo, artigo sobre a Alemanha e o Sacro Império Romano: BLOCH. *L'empire et l'idée d'empire sous le Hohenstaufen*. *Revue de Cours et Conférences*, n. 60, 1929. Apud FINK, Carole. *Marc Bloch. Uma vida na história*. Lisboa: Celta Editora 1997, p. 351

ela apenas reflete a estrutura de toda a sociedade francesa. No relato de Bloch todos os setores da sociedade - soldados, professores, sindicatos, intelectuais, empresários, políticos, comandos militares - têm, em maior ou menor grau, sua parcela de culpa. Essa culpa é atribuída com mais ênfase aos setores das elites, especialmente no que se refere aos quadros militares. Bloch cria oposições categóricas entre a honra e a valentia da massa de soldados e as “escleroses mentais” dos comandantes. (BLOCH, 1946)

Boa parte da análise se concentra em uma perspectiva de temporalidade histórica, nas noções de progresso e desenvolvimento. A todo momento recorre-se à explicação de que a França estava em uma condição de defasagem frente a Alemanha. Não se tratava apenas de defasagem tecnológica, mas da própria apreensão e elaboração do tempo. Para Bloch o séc. XX marcava uma virada na história das sociedades modernas, em que o tempo tornara-se acelerado, impondo também uma nova concepção de distâncias. Esse era um processo que a França, contrariamente à Alemanha, parecia não acompanhar

Les Allemands ont fait une guerre d'aujourd'hui, sous le signe de la vitesse. Nous n'avons pas seulement tenté de faire, pour notre part, une guerre de la veille ou de l'avant-veille. Au moment même où nous voyons les Allemands mener la leur, nous n'avons pas su ou pas voulu en comprendre le rythme, accordé aux vibrations accélérées d'une ère nouvelle. Si bien qu'au vrai, ce furent deux adversaires appartenant chacun à un âge différent de l'humanité qui se heurtèrent sur nos champs de bataille. Nous avons en somme renouvelé les combats, familiers à notre histoire coloniale, de la sagaie contre le fusil. Mais c'est nous, cette fois, qui jouions les primitifs.(BLOCH, 1946, p. 55-57)

Compreendendo, nesses termos, a derrota como fruto da obsolência das técnicas francesas, como uma diferença de temporalidades, Bloch aponta que a França, antes de qualquer outra coisa, havia perdido uma “guerra intelectual”. Essa era, em seu entendimento, uma perda ainda mais grave. Bloch aproxima-se aqui, então, do conceito de “guerra de culturas”, resgatando a idéia de que a vitória militar alemã poderia ser representada também como vitória da cultura alemã sobre a cultura francesa. (LEPENIES, 2006, p. 114-117)

As faltas intelectuais, para Bloch, não haviam sido cometidas apenas nos setores militares, mas na sociedade como um todo. A nação francesa se acomodou, se contentou com conhecimentos incompletos e idéias insuficientes. Bloch retrata essa acomodação nas décadas de 1920 e 1930 por diversas perspectivas, sendo particularmente crítico com sua própria geração. Após os anos turbulentos de 1914-1918, essa geração teria “vendido a alma”, confiando o poder a dirigentes incompetentes em troca de descanso e liberdade intelectual. (FINK, 1997, p. 213) Ao longo de *L'étrange défaite* a imagem que Bloch compõe de seus coetâneos é de homens que assistiram passivamente ao crescimento de regimes autoritários e

à destruição da Europa. De tal forma, que não acredita em remissões vindas dessa geração, atribuindo a tarefa de libertação da França e reconstrução da Europa às gerações futuras. (BLOCH, 1946)

O que se pode dizer então do posicionamento de Lucien Febvre e Bloch frente ao contexto de relações franco-germânicas na primeira metade do séc. XX? Podemos traçar, considerando as três obras analisadas, algumas sínteses provisórias. Ao que nos parece, há nessa análise dois pontos a serem ressaltos. Em primeiro lugar, está-se diante de dois historiadores franca e assumidamente patriotas, para os quais a nação nunca foi um problema menor. (SCHÖTTLER, 1999) Trata-se, inclusive, de uma preocupação que pode ser visualizada em sua própria produção historiográfica. Certamente com Bloch e Febvre está-se muito distante de uma historiografia celebrativa da nação, nos moldes da historiografia oitocentista de Fustel de Coulanges ou de Jules Michelet. No entanto, se a nação não é o problema central na historiografia desses autores, ela também não lhes é desconhecida, não é ignorada. O segundo aspecto a ser registrado refere-se à diferença de posicionamento entre Lucien Febvre e Marc Bloch. Embora ambos sejam igualmente envolvidos com o nacionalismo francês, eles têm visões distintas da cultura alemã. Não observamos em Bloch a ênfase empregada por Febvre para opor cultura francesa e cultura alemã. É muito claro que Bloch percebe-as como culturas distintas, mas em sua análise não se observa a mesma dualidade apresentada por Febvre, a idéia de se ter uma afinidade quase natural com as luzes e a liberdade de um lado e com o irracionalismo e a opressão de outro.

Referências Bibliográficas

- BLOCH, Marc. *L'étrange défaite*. Paris. Societé des Éditions Franc-Tireurs, 1946.
- BURGUIÈRE, André. Histoire d'une histoire: la naissance des Annales. In: CLARK, Stuart (ed.) *The Annales School Critical Assessements*. v.I. London: Routledge, 1999.
- ESPAGNE, Michel; WENER, Michaël. La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914). *Annales ESC*, Paris, n. 4, p. 969-992, 1987.
- FEBVRE, Lucien. *Martin Lutero: un destino*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- _____. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2000.
- FINK, Carole. *Marc Bloch. Uma vida na história*. Lisboa: Celta Editora, 1997.
- KITCHEN, Martin. *A history of moderny germany*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- LEPENIES, Wolf. French-German culture wars. In: _____. *The seduction of culture in Germany history*. New Jersey: Princeton, 2006.
- MOMMSEN, Wolfgang M. German Historiography during the Weimar Republic and the Émigré Historians. In: LEHMANN, Hartmut; SHEEHAN, James. *An Interrupted Past: german-speakig refugee historians in the United States after 1933*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

SCHÖTTLER, Peter. Le Rhin comme enjeu historiographique dans l'entre-deux-guerres. Vers une histoire des mentalités frontalières. *Genèses. Sciences sociales et histoire*, Paris, v. 14, n. 1, p. 143-154, 1994.

_____. Marc Bloch et Lucien Febvre face à l'Allemagne nazie. *Genèses. Sciences sociales et histoire*, Paris, v. 21, n. 1, p. 75-95, 1995.

_____. Henri Berr et l'Allemagne. In: BIARD, A. ; BOUREL, D. ; BRIAN, E. (ed.). *Henri Berr et la culture du XX siècle: histoire, science et philosophie*. Paris: Albin Michel/Centre de Synthèse, 1997.

_____. “Désapprendre de l'Allemagne”: les Annales et l'histoire allemande pendant l'entre-deux-guerres. In: CLARK, Stuart (Ed.). *The Annales School Critical Assessments*. v.I. London: Routledge, 1999.

_____. Apresentação. In: FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2000.